

REQUERIMENTO de Juntada ao PLCM nº 190/21, que altera a denominação do Viaduto Castelo Branco para “Viaduto Antônio Possidonio Sampaio”, encaminhando manifesto da AMUSA – Associação dos Amigos do Museu de Santo André “Dr. Octaviano Gaiarsa”. AUTOR: Vereador Ricardo Alvarez

Senhor Presidente,

REQUEREMOS à Mesa, ouvido o douto Plenário, na forma regimental seja feita a juntada ao nosso Projeto de Lei CM nº 190/21, de 21/10/2021, que altera a denominação do Viaduto Castelo Branco que liga a Avenida Prestes Maia, à Avenida dos Estados e ao bairro Santa Terezinha, para “Viaduto Antônio Possidonio Sampaio”, Protocolo nº 7514/21 - Processo nº 8262/21, encaminhando manifesto da AMUSA – Associação dos Amigos do Museu de Santo André “Dr. Octaviano Gaiarsa” que congrega pesquisadores, historiadores e memorialistas do município.

JUSTIFICATIVA

VIADUTO ANTONIO POSSIDONIO SAMPAIO

A AMUSA – Associação dos Amigos do Museu de Santo André Dr. Octaviano Armando Gaiarsa – que congrega pesquisadores, historiadores e memorialistas do município, estabelecida à Rua Senador Fláquer, 470, Centro, designou-me para, em nome dela, manifestar o apoio ao Projeto de Lei do Vereador Ricardo Alvarez que substitui o atual nome Viaduto de Castelo Branco pelo de Antonio Possidonio Sampaio pelos relevantes serviços por ele prestados à Arte e à Cultura, em Santo André.

O mencionado Vereador, antes de apresentar a mencionada proposta, consultou inúmeros produtores culturais – escritores, músicos, escultores, poetas, professores, pintores, gente de teatro e gente de cinema – entre os quais a nossa poeta Dalila Teles Veras, ilustre figura da Região e agraciada com o título Doutora “Honoris Causa”, concedido pela Universidade Federal do ABC. Poeta, autora de inúmeros livros, Dalila leva o nome do nosso Município a todos os rincões desse imenso e profundo Brasil e é correspondente cultural com escritores de diversos países, entre os quais – Portugal, Argentina...e tem suas obras publicadas e comentadas, além das fronteiras de Santo André. Pois, ela – Dalila Teles Veras – acatou e apoiou a proposta do Vereador Ricardo Alvarez.



Baiano, nascido em 1931, Antonio Possidonio Sampaio mudou, ainda jovem, para São Paulo, no final da década de 1940. Tornou-se advogado pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, além de jornalista profissional, enquanto estudava. Além disso, dedicou-se, enquanto estudante universitário, a ações culturais na mencionada Faculdade. Em 1965, montou, em Santo André, escritório de advocacia em parceria com o dr. Valdecírio Teles Veras. Especializou-se em Direito Trabalhista e em Sinistros e ambos, Possidonio e Veras, tornaram-se advogados do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. O escritório de ambos tornou-se famoso, não apenas pelas vitórias na área trabalhista, mas também pelos trabalhos de benemerência em favor de pobres da periferia da cidade. Em 1989, mudou para Santo André e dedicou-se, ainda mais, à animação cultural.

Sua estreia na literatura ocorreu em 1970 com a publicação do livro **Arte da Paquera**, seguida de mais catorze obras. Como cidadão e como advogado do Sindicato Metalúrgicos do ABC, foi testemunho ocular das grandes greves, de 1978 a 1980, que ele registrou em muitos de seus livros, o que torna suas obras de consulta obrigatória para os historiadores e pesquisadores, como o fez Sílvia Helena Passarelli, ao defender sua dissertação de mestrado – **O Diálogo entre o Trem e a Cidade**, na FAU/USP, em 1994, e a tese de doutorado.

Um dos romances de Possidonio merece atenção, por revelar a dimensão de suas obras – **Sim Senhor, Inhor Sim, Pois Não...** Esta obra denuncia a violência da ditadura militar (1964/1985) contra os direitos humanos e os processos de “reeducação” e de “recuperação”, a que foram submetidos os inimigos do regime. Este romance foi publicado em 1977, após a morte do jornalista Wladimir Herzog. Foi o vencedor do Primeiro Concurso Escrita de Literatura, promovido pela Revista Escrita. A Alpharrabio Edições o lançou, em segunda edição, no ano de 1997. Esta obra contribui para a autoafirmação literária da Região e garante a permanência de Antonio Possidonio Sampaio na memória e na história da nossa Região.

Este romance aloja-se na esteira do romance **O Processo**, de Franz Kafka e do livro **Arquipélago Gulag**, de Alexander Soljenitsin. A agonia ética de Possidonio lembra Sartre, ao viver o processo de **náusea**, segundo a qual o homem vive em situação de angústia. Ele se sente tragado pela escuridão do regime. Mas a náusea é redentora porque provoca a coragem de rebelar-se e instiga à reflexão. Os personagens, aos serem presos, reagem à violência do regime: - *Fascistas de merda: Ditadores! Criminosos!*” Não consegue terminar a frase: *mas não morre a liberd...* A grande lição: o poder cessa, quando o medo cessa.

Possidônio, como os demais cidadãos esclarecidos, vivia a crise de consciência nacional, provocada pelo anti-humanismo do regime. Ele resiste à coisificação do ser humano pelo sistema. As personagens, ao se rebelarem, assumem o imperativo categórico: ser responsável e ser ético e enfrentar situações imprevisíveis, sempre correndo riscos. Afirmava o escritor francês, Albert Camus: “a segurança é o abrigo dos covardes.”



Esta obra de Possidonio – ***Sim Senhor, Inhor Sim, Pois não...*** – além de engrandecer o autor, eleva o nome da Região a níveis jamais alcançado na área de produção cultural, particularmente, da literatura. Mas, ouço uma objeção: Possidonio foi comunista e não tem sentido substituir o atual nome do Viaduto Castelo Branco pelo de um comunista, Antonio Possidonio Sampaio.

É possível contra-argumentar: O arquiteto Oscar Niemeyer, autor do projeto arquitetônico de Brasília, não foi comunista? No entanto, ele é mundialmente lembrado. Residi uma temporada na Argélia, país do norte da África e tive a oportunidade de visitar a Universidade de Constantine, cujo projeto foi concebido por Oscar Niemeyer. Burle Marx que colaborou com o arquiteto Lúcio Costa no paisagismo da Praça do IV Centenário, onde estão situados a Prefeitura Municipal de Santo André, a Câmara Municipal de Santo André e o Fórum, não foi comunista? No entanto, seu paisagismo é também mundialmente conhecido e admirado. Isso sem levar em conta que muitos escritores comunistas, como Jorge Amado e Graciliano Ramos e outros, cujas obras foram traduzidas em diversos países do mundo e também festejadas. E mais, as obras desses autores são indicadas nos exames vestibulares de ingresso às Universidades, eles também não foram comunistas? Assim, o INEP, órgão do Ministério da Educação, instiga os jovens estudantes a conhecerem as obras de escritores comunistas.

E, para finalizar, invoco a pessoa de Antonio Possidonio Sampaio, amigo de saudosa memória. Ele atingiu um estágio superior de desenvolvimento humano. Um paradigma de pessoa que, em meio a tanta mediocridade, a tanta indiferença e a tanta alienação, precisa ser evidenciado porquanto foi corajoso sem arrogância, sereno sem esmorecimento, perseverante sem teimosia, humilde sem subserviência, cauteloso sem covardia, enfim, um homem que atingiu sua plenitude.

Isso posto, a AMUSA – Associação dos Amigos do Museu de Santo André – vem à Tribuna Livre da Câmara Municipal de Santo André para solicitar ao Excelentíssimo Prefeito Paulo Serra que seja substituído o nome de Viaduto Castelo Branco pelo de Viaduto Antonio Possidonio Sampaio, conforme o projeto de lei do vereador Ricardo Alvarez.

Santo André, 7 de abril de 2022

SILVIA HELENA PASSARELLI
Presidente da AMUSA (2021-2023)

Alexandre Takara
REDATOR

Plenário “João Raposo Rezende Filho – Zinho”, 12 de abril de 2022.

RICARDO ALVAREZ
Vereador

